



UMA IMAGEM VALE MAIS QUE MIL PALAVRAS: A FALHA DA LÍNGUA NO INFOGRÁFICO IMPRESSO

Silvia Regina Nunes¹

Resumo: Observo uma reportagem da revista *Veja* e analiso um infográfico impresso para compreender os efeitos de sentido instaurados pela relação entre suas formas materiais, visual e verbal. Esta relação torna visível uma falha da linguagem dando visibilidade ao tropeço de sua imaginária instrumentalidade. A forma visual perturba a lógica e a completude de uma língua unitária, pois (re)afirmar a inequivocidade da forma visual (desenhos, fotografias, tabelas, etc.), põe em cena a incompletude da língua, já determinada por esta forma visual para se significar.

Palavras-chave: infográfico, discurso, língua, forma visual, forma verbal.

Abstract: I observe a report in *Veja* magazine and I analyze a printed infographic to understand the effects of senses produced by the relation between its material forms: visual and verbal. In this relation becomes apparent the claudication of language, as well as is visible the stumbling of its instrumentality. The visual form disturbs the logic and completeness of the language, for (re)assert the stability of the visual form (drawings, photographs, tables, etc), showing the incompleteness of language, already determined by this visual form to signify.

Key-words: infographic, discourse, language, visual form, verbal form.

Introdução

Neste texto, observo a formulação de um infográfico impresso e analiso os efeitos de sentido instaurados pela relação entre suas formas materiais, visual e verbal. Os pré-construídos do discurso jornalístico sustentam o funcionamento do infográfico. Mariani (2006, p. 34) salienta que o discurso jornalístico se produz embasado num pretensão domínio da referencialidade, porque se baseia em uma concepção de linguagem em que a língua funciona como instrumento de comunicação de informações. Desse processo decorrem os

¹ Doutoranda em Linguística - UNEMAT/UNICAMP/CAPES/FAPEMAT

efeitos de sentido de objetividade, neutralidade, imparcialidade e veracidade das informações jornalísticas, efeitos de sentidos que observamos também no infográfico.

Há um discurso sobre o infográfico que o coloca como “transmissor de informações” e como “nova tecnologia da informação”. As informações seriam transmitidas de maneira mais rápida, eficiente e agradável e por ser uma nova tecnologia da informação seria possível, por causa da computação gráfica, o aperfeiçoamento dos processos de montagem de imagens permitindo, para as revistas e jornais que realizassem tiragens impressas mais próximas umas das outras. Para Scalzo (2003, p. 74), a infografia seria “uma maneira de fornecer informação ao leitor utilizando um conjunto de gráficos, tabelas, desenhos, fotos, legendas, ilustrações, mapas, maquetes. (...) acima de tudo, informação visual”. Tais discursos produzem efeitos de sentido funcionalistas para este material, relacionados a uma perspectiva instrumental de linguagem.

Considero o infográfico uma tecnologia de linguagem - conforme observa Orlandi (2005, p. 12) - e o compreendo enquanto materialidade significativa que imbrica formas como o verbal, o visual, a sonoridade, entre outras. É um material que abre a possibilidade da observação do funcionamento da língua e do sujeito, bem como a produção dos sentidos nessa relação, pois como assevera Orlandi (2005):

Nada é indiferente na instância do significante. [...] Os diferentes materiais e as diferentes superfícies determinam diferentes relações com/de sentidos. Escrito, ou oral, letra ou sinal, superfície plana ou multidimensional, parede, papel, faixa, letreiro, painel, corpo. Textura, tamanho. Cor, densidade, extensão, tudo significa nas formas de textualização, nas diversas maneiras de formular. Jogo da formulação, aventuras dos trajetos que configuram sua circulação. Acaso e necessidade. (ORLANDI, 2005, p. 205)

O infográfico compõe-se n(d)estas diferentes formas materiais, com estas diferentes superfícies. Um funcionamento diferente. Na circulação, observo os efeitos instaurados pelos trajetos das cores e sons, das tabelas, das fotos e desenhos, numa diversidade de tamanhos e texturas que se conjugam com o verbal, visto que nesse material há uma injunção à formulação escrita. Esse funcionamento transdimensional e multisimultâneo o torna interessante para a compreensão de diferentes gestos de leitura, já que essas diferentes formas significantes instauram diferentes trajetos de sentidos na memória.

Sustentada pela escritura do discurso jornalístico, a formulação verbal do infográfico dá visibilidade a uma concepção de língua transparente, instrumental, que resultaria numa pretensa logicidade do sentido. O sujeito jornalista ocupa uma posição determinada institucionalmente pela mídia e nesta injunção à literalidade e transparência da língua, essa posição é determinada pelos esquecimentos que a constituem, ou seja, o da origem dos sentidos e o da literalidade da linguagem. Uma posição-sujeito pragmática.

Trajetó teórico

Em relação a estes esquecimentos, Pêcheux (1997) afirma que este funcionamento se dá de duas formas: o esquecimento número **um**, que é ideológico, e o esquecimento número **dois**, que é da ordem da enunciação (formulação). Assim, o esquecimento número **um** seria da ordem do inconsciente e resultaria no modo pelo qual se é afetado pela ideologia. A ilusão de ser origem das palavras conforma o funcionamento desse esquecimento, bem como também reflete o sonho adâmico, isto é, o do sujeito inaugural, que é o de estar dizendo, pela primeira vez, todas e quaisquer palavras fazendo-as significar por seu controle e conforme sua vontade.

O esquecimento número **dois** é da ordem da enunciação (da formulação) e produz a impressão da realidade do pensamento, ou seja, tudo o que se diz só poderia ter um sentido *x*, que seria literal. Essa *ilusão referencial*, conforme pondera Orlandi (2007), funciona por um efeito ideológico que instaura uma relação direta entre a linguagem, o pensamento e o mundo, estabelecendo a relação natural entre a palavra e a coisa. O esquecimento número **dois** é parcial, isto é, reformulável, pois é possível voltar ao modo como se diz para reformular como foi dito. Nesse movimento, observa-se o funcionamento da língua em seu jogo sintático, pois, segundo Orlandi (2007, p. 35), “o modo de dizer não é indiferente aos sentidos”.

O fato de significar-se pelos esquecimentos não atesta um funcionamento negativo dos sentidos, mas estruturante do sujeito. Estes esquecimentos não são voluntários, da ordem do psicológico, mas constitutivos do movimento dos sentidos e dos sujeitos. Orlandi (2007) salienta que esses esquecimentos não são defeitos, mas uma necessidade para que a linguagem funcione, e por serem estruturantes não há acesso deliberado a eles, mas flagrantes de seu funcionamento.

O modo de funcionamento do esquecimento número **dois** relaciona-se à formulação do infográfico. Orlandi (2005) coloca que formular é “dar corpo aos sentidos”. Para a autora, na formulação, pelo equívoco (falha da língua na história), corpo e sentido se atravessam. Dessa forma, como o homem é um ser simbólico, “este tem seu corpo atado ao corpo dos sentidos [e este] corpo do sujeito é um corpo ligado ao corpo social e isto também não lhe é transparente” (ORLANDI, 2007, p. 09-10). É de esta forma que a autora reafirma que na formulação há um investimento do corpo do sujeito presente no corpo das palavras, pois é o momento em que o sujeito diz o que diz e se assume autor representando-se na origem do que diz, com sua responsabilidade, entre outros gestos, e sua determinação exterior, fato que funciona na ambiguidade de ser determinado pela exterioridade e determinador-formulador de seus dizeres. Para Orlandi (2005, p. 10) é na formulação que essa contradição se realiza, pois é a formulação que dá o contorno material ao dizer instaurando o texto. A formulação se faz num ponto em que atravessa o interdiscurso, fazendo se movimentar, desta forma, a memória discursiva. A noção de formulação é, assim, “a atualização, a textualização da memória” (2007, p. 16).

A formulação relaciona-se à noção de texto. Esta noção, proposta por Orlandi (2005) como unidade de análise, produz condições para a compreensão dos processos

discursivos do infográfico. Segundo a autora, texto, na análise de discurso, “se constitui como delimitação imaginária, instaurando na incompletude do discurso um contorno material imaginariamente finito”, isto é, uma unidade de análise do discurso que, enquanto tal, é uma superfície lingüística fechada em si mesma (tem começo, meio, não-contradição e fim). “É na noção de texto que se explicita o estatuto técnico (e tecnológico) da produção da linguagem. Ou seja, a linguagem como instrumento – a dimensão pragmática da linguagem, suas tecnologias, arregimentando a própria imagem que se faz dela (...)” (ORLANDI, 2005, p. 15).

Um texto, portanto, é sempre um conjunto de formulações entre outras possíveis. Desta maneira, pela formulação do infográfico é possível compreender seu movimento, ou seja, como se corporificam os sentidos, como eles se mostram linearizados, estabilizados, contidos, domados. A observação desse processo é produtiva para a compreensão dos efeitos de leitura que são produzidos, pois na relação entre o discurso e texto parte-se da variação (discurso) para a unidade (texto), “a variação é que institui a textualidade, as margens” (ORLANDI, 2005, p. 13). Sendo assim, unidade e dispersão estão em funcionamento e tornam visíveis os gestos de interpretação.

Juntamente com a noção de texto funcionam as noções de função-autor e de efeito-leitor. Uma relação constitutiva. Estas noções, segundo Orlandi (1996), são muito afetadas pela inserção no social. A função-autor é determinada pela exterioridade e são mais visíveis os procedimentos disciplinares que recaem sobre ela. Por isso, é uma instância em que há um maior apagamento do sujeito. Segundo Orlandi (1996), a função-autor é importantíssima para a compreensão dos movimentos de interpretação, pois nela há maior visibilidade dos efeitos da historicidade inscrita na linguagem. A determinação que afeta a função-autor funciona, pelo menos, de duas formas: por um lado pela sua relação com o interdiscurso, ou seja, não se “pode” dizer coisas que não tenham sentido; de outro lado, as coisas que tem sentido devem ser ditas a um interlocutor determinado, de uma maneira determinada, constituindo, assim, o efeito-leitor. Essas determinações instauram processos imaginários que vão representar o que Orlandi chama de o “confronto entre a história do dizer do autor e a história de leitura do leitor” (ORLANDI, 1996, p. 75).

A função-autor organiza o texto apresentando-o com começo, meio, não-contradição e fim, a isto Orlandi (2005, p. 65) chama textualidade. Para a pesquisadora, sempre que houver esta organização haverá a função-autor funcionando, pois faz parte da ideologia jurídica que o sujeito seja responsável pelo que diz e faz parte dos pré-construídos do discurso jornalístico que a posição do jornalista seja tão responsável quanto. A função-autor, desta forma, produz uma relação organizada - em termos de discurso - produzindo um efeito imaginário de unidade. Assim sendo, se de um lado há uma “função-autor como unidade de sentido formulado, em função de uma imagem de leitor virtual, temos, de outro, o efeito-leitor como unidade (imaginária) de um sentido lido”. (ORLANDI, 2005, p. 65).

Há uma distância não preenchida entre o discurso e sua textualização, distância que instaura um espaço de interpretação em que se movimenta tanto a função-autor, quanto se constitui, imaginariamente, o efeito-leitor. A este processo Orlandi (2005, p. 68) denomina efeito material da leitura, pois tal espaço atesta a movência das posições do sujeito, como

também atesta a abertura do simbólico para que se possa entrar no discurso pela textualidade. Esta possibilidade de abertura do simbólico remete ao imbricamento das formas significantes do infográfico e então pergunto: *como a forma visual do infográfico significa em relação à escritura (forma verbal) jornalística? Que efeitos de sentidos são produzidos nessa relação?*

Efeitos de autoridade no discurso jornalístico

Selecionei o infográfico impresso *O ciclo do etanol* (reproduzido a seguir) publicado na revista *Veja* de 19 de março de 2008. Este infográfico é parte integrante de uma reportagem de onze páginas que tem como título: *70 questões para entender o etanol*. A reportagem está organizada com uma introdução ao assunto (produção, industrialização e distribuição do etanol) e em seguida são formuladas as 70 questões, já com suas respectivas respostas, que objetivam a compreensão do que é, para que serve, como se produz/industrializa e distribui o etanol, entre outras informações, conforme o recorte seguir:

1 O que são os combustíveis “verdes”? São aqueles cuja emissão de CO₂ durante o processo de produção ou no cano de descarga dos carros é menor que a proveniente do diesel e da gasolina.

2 Quais são os combustíveis “verdes”? Os mais viáveis são o etanol e o biodiesel. O hidrogênio líquido e a eletricidade produzida por baterias não emitem nenhum tipo de fumaça quando utilizados como combustíveis de automóveis. Seu uso, porém, ainda é restrito por problemas de distribuição e de pouca autonomia.

3 Qual o menos poluidor? A forma como os combustíveis são produzidos deve ser levada em conta na resposta e não apenas o que escapa do cano de descarga. A produção de hidrogênio exige gasto de eletricidade, o que, por sua vez, requer a queima de carvão e petróleo em termelétricas. Em termos globais, 60% da energia elétrica vem do carvão, a mais poluente das fontes energéticas. [...]

[...] **68 Quanto o Brasil está investindo em tecnologia?** O Brasil investe 100 milhões de dólares por ano, enquanto os Estados Unidos investem 1,5 bilhão de dólares por ano somente em pesquisa.

69 Quanto seria o investimento ideal? O Brasil precisaria investir pelo menos quinze vezes mais do que isso para empatar com os Estados Unidos e se manter na disputa pela posição de liderança.

70 Caso os estados unidos cheguem antes ao Etanol de celulose, o Brasil estará ultrapassado? Não totalmente. Bons acordos podem garantir acesso à tecnologia. As plantas tropicais oferecem mais quantidade de biomassa do que as plantas de regiões temperadas. Até essa vantagem a natureza deu ao Brasil na corrida pelo combustível do futuro.

Esta formulação, por meio de perguntas já com suas respectivas respostas, produz efeitos de sentido retórico e pedagógico (discurso autoritário) no modo como organiza o assunto. Esta textualização produz um efeito de leitura que dá visibilidade a um espaço logicamente estabilizado que é sustentado “pelas técnicas materiais, instrumentais, pela ló-

gica disjuntiva, pelo uso regulado de proposições lógicas” (percentagens, gráficos, tabelas, etc.) (PÊCHEUX, 2006, p. 30).

Nesse funcionamento, é possível observar que o discurso jornalístico se significa enquanto um manual, uma forma abstrata² que reduz a possibilidade da falha da língua na história, pois se o manual for seguido “corretamente” não haverá nenhum entendimento errado. A compreensão de um discurso autoritário³ é possível na formulação com formas assertivas com o verbo “ser” que estanca a possibilidade de se pensar diferente, conforme: “O que **são** os combustíveis verdes? **São** aqueles que...”; “Quais **são** os combustíveis verdes? Os mais viáveis **são**...”. Este funcionamento conforma um espaço logicamente estabilizado para a língua e os sentidos, pois para cada pergunta, há, inequivocamente, uma resposta fundamentada no/pelo discurso científico.

As questões são formuladas imaginando um efeito-leitor cuja compreensão dos sentidos é determinada pela repetição formal, isto é, uma elaboração abstrata, um exercício que não historiciza o dizer, somente o organiza, o administra. Assim, a compreensão do processo de produção do etanol, com seus benefícios e problemas (como é sua fabricação nos diversos países, seu rendimento, seu alcance, a economia, a melhoria do meio ambiente), entre outros assuntos, dá visibilidade a uma escritura formulada para transmitir (constituindo uma relação direta entre a língua e o mundo) informações (neste caso dados) e administrando sentidos sobre o etanol.

Contudo, a formulação deste infográfico não “brota do nada”, mas constitui-se pelos trajetos numa memória discursiva já determinada por oposições, tais como: “é ou não é” e, desta forma, não há espaço para deslocamentos, pois o infográfico recorta uma memória discursiva⁴ que põe em funcionamento a lógica, o controle, a exatidão.

Discurso infográfico: administração dos sentidos

Na formulação do infográfico temos a organização das etapas do plantio e colheita da cana para a fabricação do etanol. A função-autor (jornalista-designer-editor) textualiza o infográfico inscrevendo-se numa formação discursiva científica, como o da aritmética ($1 + 3 + 4 + 5 - 2 = 309$ quilos), da química: **CO₂, dióxido de carbono**, das medidas de capacidade: **quilos, litros**, da física: na flechas (forma visual) com as quais indica a emissão do **CO₂**.

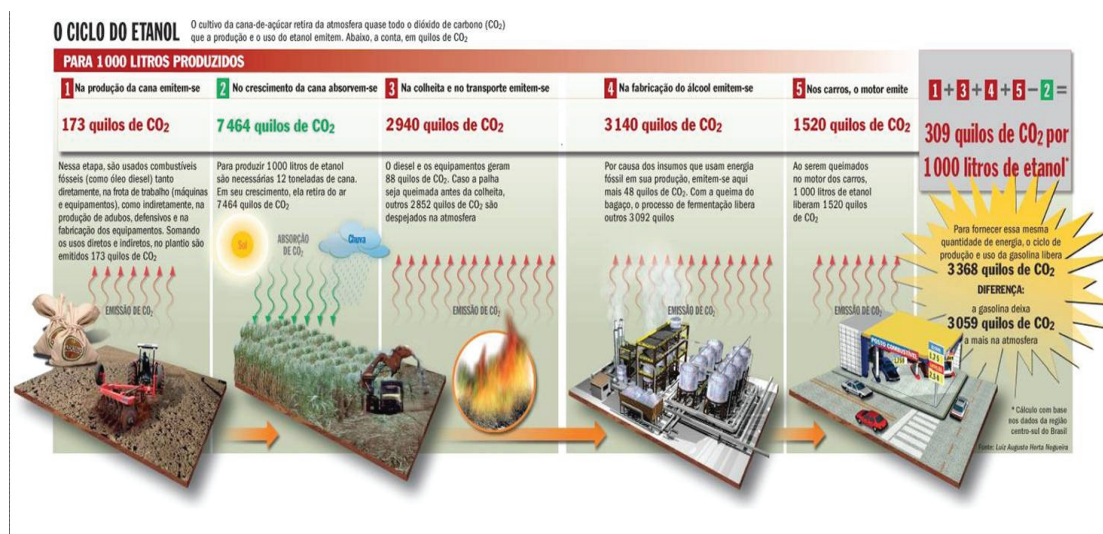
Essa formação discursiva científica funciona ao modo do discurso jornalístico (ou seria vice-versa?), sustentando-se, igualmente, nos pré-construídos de literalidade e transparência dos sentidos. A formulação do que se compreende pelo processo de produção do etanol significa por essa injunção ao científico, reiterada pelas convenções da soma aritmética. Esse funcionamento produz efeitos de comprovação para as cinco fases pelas

² Para explicar como é a forma abstrata, Orlandi (1990) remete à relação entre os elementos de um sistema linguístico, tendo a língua em seu funcionamento autônomo, imanente, sem relação com a exterioridade (em que se excluem o sujeito e a situação). É a forma que se faz visível na análise linguística e nos exercícios formais sobre a língua, tais como: repita comigo, identifique, circule, etc.

³ Conforme Orlandi (1996).

⁴ A memória discursiva seria aquilo que face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999).

quais a produção do etanol é realizada, instaurando efeitos de linearidade e inequívocidade para sua compreensão. Conforme o recorte, a seguir:



Ciclo do Etanol⁵

O modo como o infográfico está textualizado produz uma imaginária estabilidade lógica da formulação escrita, sustentada numa possibilidade de relação direta entre imagem (desenhos-ilustrações e números) e língua, ou seja, entre palavras e coisas.

A forma visual põe em relação às cores verde e vermelha (atualizando o discurso da regulação do trânsito) movimentando, na memória discursiva, os sentidos do que seja liberdade (verde) e perigo (vermelho). Em relação à produção do etanol, a fase número 2 que é a do **crescimento da cana** está formulada na cor verde e, por isso, fica significada como livre dos perigos de emissão de CO₂, visto que este é absorvido pela cana durante seu crescimento. Já as fases 1 + 3 + 4 + 5 apontam para efeitos de sentido de perigo, sustentados pela memória da cor vermelha, pois a emissão de CO₂ na produção, colheita e transporte da cana, na fabricação do álcool e utilização destes nos carros é um agravante da poluição do meio ambiente.

A formulação visual do trator no trabalho da preparação do solo para o plantio é determinada por uma memória discursiva que põe em funcionamento o que ocorreria cotidianamente, um fato natural na agricultura. Contudo a retomada do processo específico de plantação, crescimento e colheita da cana, dá visibilidade um determinado processo de preparo, que seria o ideal. Outras formações discursivas deslocariam a legibilidade desta série, como por exemplo, o silenciamento⁶ da presença do trabalhador rural neste processo, uma presença já descartada pelo imaginário do que seria a agricultura ideal (não a real) no Brasil. Efeitos de sentido de que a tecnologia está tão avançada que o trabalhador rural estaria obsoleto irrompem nos trajetos por esta memória discursiva, visto que a ideologia da mecanização agrícola sustenta esse silenciamento. A imbricação das materialidades verbal

⁵ O ciclo do etanol. Disponível em http://veja.abril.com.br/190308/popup_energia.html - acesso em 10 de março de 2011.

⁶ O silêncio é considerado como um continuum absoluto, o real da significação, o real do discurso. Além do silêncio fundador (movimento de sentidos, função da relação da língua com a ideologia), Orlandi (1993) distingue a política do silêncio, subdividida em: silêncio constitutivo e silêncio local (silenciamento).

e visual põe em circulação sentidos de avanços tecnológicos insuperáveis, no entanto a ausência do trabalhador rural neste processo desencadeia possibilidades de divisão sob essa aparente unidade, o que produz sentidos diferentes para o avanço tecnológico na relação com o cortador de cana.

A relação entre as formas visual e verbal podem, a partir da análise realizada, indicar algumas compreensões. Sendo o equívoco compreendido por Orlandi (2005) como a “falha da língua na história” e observando a afirmação de Pêcheux (1997) de que não há ritual sem falhas, compreendemos que na textualização do infográfico sobre o *Ciclo do Etanol* alguma coisa falha. A noção, sustentada pelos pré-construídos do discurso jornalístico, de que há um sistema lingüístico que funcionaria de maneira transparente e literal e que conseguiria dizer (significar) (de) tudo para todos, de maneira lógica, falha.

A formulação do infográfico, imbricando o visual e o verbal, dá visibilidade ao equívoco entre suas formas materiais significantes, pois a forma verbal funciona sob a sobredeterminação da forma visual (desenho do trator, do fogo, do sol e da chuva, etc.) projetando um efeito-leitor estabilizado, um efeito-leitor que não põe em xeque tais formas visuais, uma vez que no discurso cotidiano ouvimos recorrentemente que “uma imagem vale mais que mil palavras”.

Considerações (não) finais

Observar o discurso jornalístico e, especificamente, o discurso infográfico é pensar sua estrutura-funcionamento, uma estrutura determinada por imperativos que pressupõem o funcionamento de uma língua objetiva e neutra, instaurando um ritual de se significar pela completude e pela lógica, numa estabilização dos sentidos e dos sujeitos.

Circula na sociedade um imaginário de que com a imagem a informação se tornaria mais fiel, ou mais “real”, contudo a textualização do infográfico nos indica que a linguagem serve para comunicar, mas também para não comunicar (PÊCHEUX, 1997), pois pode haver, por exemplo, o silenciamento de formas significantes que teriam a possibilidade da produção de efeitos de sentidos os mais diversos. Este processo mostra que os sentidos não são fixos e que a ideologia jornalística é um ritual com falhas.

A imagem, neste processo, faz oscilar a ordem da escrita, que funciona neste material pelo efeito de sustentação no discurso jornalístico, contudo, neste espaço logicamente estabilizado, fica visível que a língua não consegue abarcar todos os sentidos, visto que busca no efeito de completude da forma visual a administração dos sentidos e manutenção de um “mundo semanticamente normal” (PÊCHEUX, 2006).

A relação da forma verbal com a visual torna visível a falha de uma possível transparência da linguagem, põe a nu o tropeço de sua imaginária instrumentalidade. A materialidade visual *perturba* a evidência da língua unitária, perturba sua pretensa completude e faz trabalhar a contradição: (re) afirmando uma inequivocidade da forma visual (desenhos, fotografias, tabelas, etc.), mas assim, e neste movimento, mostrando a incompletude da língua que precisaria desta forma visual para “completar” seus sentidos.

De uma posição materialista, ao contrário do que faz circular o discurso jornalís-

tico, assumimos juntamente com Gadet e Pêcheux (2004, p. 35) que o real da língua é a incompletude, e o real da história, a contradição. Desta forma, nem o real da língua, nem o da história são diretamente apreensíveis, nem transparentemente inteligíveis como põe em cena a formulação do infográfico analisado.

Referências Bibliográficas

FRANÇA, Ronaldo. **70 questões para entender o etanol**. Revista Veja, Editora Abril, Edição n.º 2052, 19 de março de 2008. Disponível em http://veja.abril.com.br/190308/p_104.shtml - Acesso em 10 de março de 2011.

FRANÇA, Ronaldo. **O ciclo do etanol**. In 70 questões para entender o etanol. Revista Veja, Editora Abril, Edição n.º 2052, 19 de março de 2008. Disponível em http://veja.abril.com.br/190308/popup_energia.html - Acesso em 10 de março de 2011.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível: o discurso na história da lingüística**. Campinas- SP: Pontes, 2004.

MARIANI, Bethania. **Sentidos de Subjetividade: Imprensa e Psicanálise**. In Revista POLIFONIA. Cuiabá, Ed. UFMT, 2006, V. 12 N. 1 p. 21-45.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas - SP: Pontes, 2007.

_____. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas - SP: Pontes, 2005.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas - SP: Pontes, 1996.

_____. **Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1990.

_____. **As formas do silêncio. No movimento dos sentidos**. Campinas, Ed. da Unicamp, 1993.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas – SP: Pontes, 2006.

_____. **Papel da memória**. In: Achard, P. et al. **Papel da Memória** (Nunes, J.H., Trad. e Intr.). Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

